

# AS GRANDES MUDANÇAS

Elsa de Barros, in Revista Pais & Filhos, 1997

*A pouco e pouco, vamos percebendo como vai longe o tempo em que contávamos a história da «Carochinha» aos nossos filhos. Entretanto, deixaram de caber no nosso colo e as «histórias» passaram a ser outras, por sinal mais difíceis de contar. São muitas as dúvidas que se nos colocam: como preparar as nossas filhas e os nossos filhos para as grandes transformações que se avizinham?*

A última vez que levei as minhas filhas à pediatra ela avisou-me que a minha filha mais velha estava quase a ser menstruada e recomendou-me que a preparasse para lidar com essa nova realidade. Não é que não tivesse abordado esta questão vezes (tantas quantas as que vieram a propósito), mas senti que naquele momento é que era «a sério».

Quando cheguei a casa, sentei-me no sofá e pus-me a pensar no como. Deveria chegar ao pé dela e dar-lhe uma longa explicação sobre a «matéria»? Ou seria preferível dizer-lhe, com toda a naturalidade, que estava quase a ter o período e perguntar-lhe o que queria saber sobre o assunto? Optei por esta última modalidade. Mas a resposta dela deixou-me desconcertada.

«Não precisas de me contar nada porque eu já sei tudo!», assegurou, muito senhora do seu nariz. Não desarme: «Então está bem. Mas se, algum dia, tiveres uma dúvida, podes contar comigo».

Tempos depois, já deitada na cama, naquela hora propícia a confidências, interrogou-me: «quando se tem o período pode-se ir à praia e à piscina?».

Depois de tranquilizada pela minha resposta, resolveu prosseguir, de rajada, com muitas outras preocupações que, tal como aquela, deviam andar a inquietá-la há muito tempo: «Este ano, não gostava de ter meninos pequeninos na minha festa de anos. E não vale a pena comprares-me sapatos porque só quero usar ténis!»

**A importância da comunicação.** Não foi preciso ler imensos livros volumosos nem falar com um monte de especialistas para compreender a questão mais importante quando se pensa em falar com os filhos sobre a sexualidade. Bastou-me ouvir a minha filha.

Nós, pais, estamos constantemente preocupados com o que devemos dizer e ensinar aos nossos filhos. E, na maior parte das vezes, esquecemo-nos de ouvir. E de aprender.

Ao conversar com a minha filha, compreendi que falar de sexualidade não pode ser encarado como um assunto à parte. Tem a ver com algo tão lato como a comunicação na verdadeira acepção da palavra.

Se a comunicação entre pais for boa, é natural que as questões ligadas com a sexualidade sejam abordadas com tanta naturalidade como outras.

No entanto, há adultos que se esquecem que a comunicação pressupõe o diálogo. E que dialogar implica falar, mas também ouvir. (...)

**Uma questão de bom senso.** Como em tudo na vida, também nas questões relacionadas com a sexualidade o bom senso é uma regra de ouro. Como se costuma dizer, «nem oito, nem oitenta», ou seja, se não é bom nunca falar do assunto, também não é melhor andar sempre a chover no molhado. «Tem de haver respeito pela intimidade do filho. Um pai demasiado intrusivo pode estar a invadir um espaço que ainda é muito confuso», pondera Jorge Câmara [psiquiatra].

Leonor Sasseti, pediatra (..), afirma que lhe causa uma certa perplexidade que «a partir de determinada altura, tenha de se abordar, por atacado, questões relacionadas com a sexualidade». Na sua opinião, «não é preciso estar à espera de determinada idade para falar desse tema. Até é desejável que, antes de um filho entrar na adolescência, já tenha havido uma série de conversas por trás».

«A informação deve ser dada à medida que os filhos a vão pedindo ou que os pais vão achando que é necessária», afirma Dulce Bouça [psiquiatra]. Há pais que têm receio de estar a «colocar o carro à frente dos bois», abrindo portas para que os filhos tenham experiências sexuais mais precoces.

«Falar sobre os assuntos não conduz a experiências sexuais mais precoces. A falta de informação é que pode levar a isso. Ainda por cima, correndo riscos desnecessários», declara Dulce Bouça. (...)

**Não há receitas.** Se está a ler este artigo à procura de «receitas», desengane-se. Porque, com refere Leonor Sasseti, «não há receitas. Tudo depende das famílias».

Os três especialistas entrevistados são unânimes em afirmar que, acima de tudo, «tem de haver naturalidade». Devem evitar-se as «lições» de educação sexual, em que se procura «ensinar» tudo de enfiada. «É preciso aproveitar as oportunidades. E as oportunidades surgem a propósito de actos tão banais como a ver televisão ou ir ao supermercado comprar pensos higiénicos», diz Leonor Sasseti. E conclui: «O mais importante é que a informação chegue carregada de afectividade».

Dulce Bouça concorda com este ponto de vista: «É muito importante reforçar os aspectos do afecto, do amor, da entrega, da partilha. Não se deve começar por colocar a tónica nos perigos, nas doenças sexualmente transmissíveis e na gravidez, mas sim no amor e no namoro. Há etapas para se falar nos assuntos».

**Elsa de Barros**, *in* Revista Pais & Filhos, 1997